

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO III — Número 891

Terça feira, 18 de Outubro de 1921

PREÇO 5 CENTAVOS

REDATOR PRINCIPAL — ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor — CARLOS MARIA COELHO

Redação, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico Taibala-Lisboa — Telefones 5335
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

O pão intragável que anteontem apareceu à venda significa o desprê que a Moagem tem pelos consumidores e pelo governo.

Contra os ladrões, contra os falsificados, devem erguer-se, sem demora, os protestos enérgicos do povo por eles ameaçados no seu direito à vida.

O operariado da indústria da construção civil em defesa dos seus interesses profissionais e dos do inquilinato da capital

Os funerais das vítimas do trágico desmoronamento de Campo de Ourique constituíram uma eloquente manifestação de protesto do povo de Lisboa contra a ganância dos construtores e a inqualificável incúria da Câmara Municipal.

O operariado da construção civil abandonou em massa o trabalho e desfilou deante do Município acompanhando a comissão que foi reclamar providências contra os crimes dos "gaoleiros".

Associando-se à imponente manifestação proletária, a população da capital compreendeu as intenções humanitárias daqueles que, defendendo-se, salvaguardam os seus interesses.

A Moagem contra o povo

O pão fornecido pelas padarias da capital é simplesmente intragável

O tipo único de pão, que devia ter aparecido hoje, apareceu três dias antes. Porque se antecipou a moagem às deliberações do sr. Abolim Inglês? Será ela quem manda, só restando ao sr. Abolim Inglês submeter-se?

Seria interessante saber-se e seria possível tê-lo averiguado se o ministro da agricultura não tivesse partido para o norte. Ele o dirá quando voltar e nós passamos agora a analisar esse mau tipo, esse péssimo tipo, o pão dos tipos — o tipo único de pão que o sr. Abolim inventou e a moagem fabricou. Os três tipos de pão, três esplêndidos produtos para a moagem ludibriar o povo, provocaram os protestos de todos, exceptuando os moageiros e os interessados em defendê-los.

O próprio ministro prometeu lançar o tipo único e supunha-se que essa medida seria para favorecer os desfavorecidos consumidores, forçando a moagem a reduzir um pouco a sua avidez de lucro.

O tipo único apareceu, antecipando-se três dias à resolução ministerial. Porque teria a moagem tanta pressa? Continuamos vivendo de mistificações, omando um pão mistificado pela moagem.

O ministro mostrou ao redactor de A Batalha que o entrevistou uma amostra de pão, que difere tanto do que apareceu no domingo, como um ovo pode diferir dum espôlo.

O pão do sr. ministro da agricultura não saiu do seu gabinete.

O ministro decretou um tipo de pão — o "pão Abolim Inglês". Disse à moagem que fabricasse pão desse tipo. E a moagem fabricou o seu tipo, o tipo da moagem, quer dizer o pior pão que até apareceu.

O tipo único apareceu, com selenamente o disse, pão para favorecer os consumidores, a moagem pulou acima da vontade do ministro fabricando um pão que parece feito para ser devorado pelos cães.

O sr. Abolim Inglês põe a moagem despois da força necessária, para pulverizar a vontade ministerial, para envenenar os consumidores, para se rir de todos os decretos, de todos os protestos, para colocar acima do interesse colectivo, os seus próprios interesses.

Não podia a moagem tê-lo defendido melhor porque não pode concerder pior pão, do que apareceu.

Esse pão é um insulto para os que trabalham, um veneno para os que dele se alimentam, revelando bem o audacioso cinismo das moagens.

O pão que no domingo apareceu significa a vitória da moagem, o desprê do decreto do governo, uma nova derrota para os consumidores.

O ministro, que prometeu pôr na ordem a moagem, anda pelo norte, enquanto ela permanece em franca, entrevista rebeldia.

A república continua sendo o que nós temos dito: uma monarquia mascarada de república neste interrupção e mistério carnavalesco de onze anos.

O ministro é possível que volte do norte, porque o Terreiro do Paço reclama-o. E a moagem regressará ao decreto, o seu pão regressará ao que devese?

Quer-nos parecer que não.

A moagem contra o decreto do tipo único — O protesto dos consumidores

No entanto a campanha de A Batalha reclamando o tipo único de pão, os protestos dos operários organizados, as reivindicações severas dos consumidores, tinham justificada razão.

E o próprio ministro da agricultura que declarou detalhadamente nos seguintes considerando que antecedeu o decreto:

Considerando que, na execução da lei n.º 1213, de 19 de Setembro de 1921, se reconheceu ser praticamente impossível conseguir, por meio da fiscalização manter na cidade de Lisboa os três tipos de pão, de harmonia com o diagrama decretado;

Considerando que as infrações e abusos cometidos revestem tal multiplicidade e variedade, que não há forma de prevenir nem de corrigir oportunamente

OS CRIMES DOS "GAOLEIROS"

A GRANDE MANIFESTAÇÃO OPERÁRIA DE ONTEM

Como não podia deixar de ser, foi deveras imponente a manifestação ontem realizada pelo operariado de Lisboa, especialmente o da construção civil, acompanhando ao cemitério dos Prazeres os caminhos vitimados pelo desabamento dum prédio em construção em Campo de Ourique, desastre que comoveu e indignou profundamente a população desta cidade e ao qual nos temos referido com todos os promotores.

Sem o concurso perfeitamente dispensável da polícia, correu tudo em muito boa ordem, tendo-se dado apenas uns ligeiros incidentes pelo facto de algumas das pessoas que assistiram à passagem do cortejo não se descobrirem em presença dos caixões, sendo essa a única nota desagradável da manifestação, sem que nós possamos concordar com a exigência ou a imposição feita por alguém para saudar mortos quaisquer na sua passagem para o cemitério.

E não concordamos porque essa manifestação, por via de regra, obedece a um praxismo que é mister suprimir por não lhe faltar o cunho do culto pelos mortos o qual, como qualquer outro culto, deve ser facultativo, não podendo nem devendo ser imposto como obrigação à maneira do «cré ou morres» dos inquisidores.

Descontado esse contra, a manifestação a que nos referimos, além de vincar a solidariedade do operariado consciente de Lisboa para com as vítimas dos criminosos «gaoleiros» e o seu justificadíssimo protesto contra esses indivíduos, constitui igualmente um protesto volumoso e retumbante contra a Câmara Municipal desta cidade, principal culpada e responsável pelo desastre que motivou a referida manifestação.

Manda a justiça e exige que assim se proceda e reclamo-o com A Batalha o operariado restante desta cidade como ponto de partida para a moralização da produção em todos os ramos da indústria nacional, indistintamente.

As notas sucintas da nossa reportagem, darão ao leitor a impressão da imponência da que se revestiu a grandiosa manifestação operária de ontem.

Herculano, Rato, Campo de Ourique e Prazeres.

Quando saiu da Morgue o cadáver do José Gaspar, a viúva teve uma crise de lágrimas que a todos comoveu, sendo, por fim, acometida dum sincope.

A caminho do cemitério

Quasi todos os organismos operários de Lisboa fizeram-se representar — O operariado do Almada e Amadora encorparou-se também no funeral.

Os cadáveres eram conduzidos em carreta e cobertos com as bandeiras das várias secções profissionais do Sindicato Único da Construção Civil.

A frente duas fileiras de operários de muiadas abriam caminho, seguindo-se uma carreta da Federação da Construção Civil, ornamentada com instrumentos do ofício e ramos de flores naturais, tendo dois quadros com as seguintes legendas: «Homenagem às vítimas da ganância capitalista» e «A emancipação dos trabalhadores herdeiros dos próprios trabalhadores». Puxavam essa carreta operários da construção civil vendo-se na frente dois soldados de sapadores e um marinheiro.

Seguiam-se as bandeiras de inúmeras associações tomando nós conta dos das Associações de Classe dos Canteiros, Descarregadores de Terra e Mar, de Almada, Sindicato Único da Construção Civil de Almada, Academia Filarmonica Verdi, Pessoal dos Caminhos de Ferro Portugueses, Banda dos Alunos de Apolo, com estandarte.

No funeral, que era acompanhado por uma imensa quantidade de povo, incorporaram-se representantes, dentre outros, dos seguintes sindicatos:

Pessoal da fábrica Batamique; pessoal da escola Araújo; sindicato do pessoal dos Caminhos de Ferro Portugueses que se incorporou no funeral, com seu estandarte coberto de crêpes, Sindicato Único da Construção Civil de Almada; Cooperativa dos estabelecimentos fabris do ministério da guerra; Associação de Classe dos Empregados das Correias e Telégrafos; Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército; União Têxtil; A. C. S. da Classe dos Operários Maninadores de Pão; Núcleo de Juventude Sindicista de Almada; Associação de Classe dos Cortadores; Sindicato do Pessoal do Arsenal da Marinha e Cordoaria Nacional; Associação de Classe de Encadernadores e Anexos; Grupo Ferroviário Solidariedade Humanitária; Associação de Classe do Pessoal da Carris de Ferro de Lisboa; Associação de Classe dos Inscritos Marítimos Portugueses; Federação Corticeira; Corporação dos Bombeiros Municipais de Lisboa; João Lopes dos Santos Júnior, construtor diplomado; João Vitor Pedroso, chefe de secção do Corpo de Bombeiros Municipais de Lisboa.

Fizeram-se também representantes

A ação da Construção Civil

A sessão magna de domingo

Conforme estava anunciado, o Sindicato Único dos operários da construção civil, realizou no domingo uma grande sessão de protesto contra os gaoleiros, principais responsáveis da grande desgraça de Campo de Ourique. Os mesmos sindicatos fez distribuir proussamente a cidade um manifesto convidando os operários da construção civil a depor ontem, em sinal de protesto, as suas ferramentas ao meio dia, e a refirem-se pelas 13 horas, na sede da sua Federação.

Naquela reunião foi aprovado o seguinte protesto:

«A Comissão do Sindicato Único da Construção Civil protesta indignado contra os desastres ultimamente sucedidos e ilibava-se de toda a responsabilidade nos mesmos, visto que há já oito meses que vêem instando com a câmara municipal e com os respectivos fiscais, para que a fiscalização seja feita rigorosamente às obras em construção», que constriu a seu belo prazer, não respeitando sequer os alinhamentos aprovados pelas repartições competentes.

Entreigou a representação na qual se pede também a execução dos decretos de 24 de Dezembro de 1901 e 14 de Fevereiro de 1903 e seus regulamentos de beneficência e saúde; de delegados e sub-delegados de saúde, e edificações urbanas, medidas estas mais que suficientes para se evitarem casos como o que sucedeu na rua Correia Teles, em Campo de Ourique, e ouvidos os discursos daqueles vereadores, a comissão veio ligar-se à multidão que quase cobria a praça do Municipio, tomou o caminho da Morgue.

Na Morgue

A autopsia das vítimas — A saída dos feretros

Em frente do edifício da Morgue fôr-se juntando a pouco e pouco uma multidão considerável, que às 15 horas, e meia enciha por completo o largo, rues José Bentos de Sousa, Sol, São João, A. N. L. Lazar, largo da Escola Municipal n.º 1, Praça dos Martíres da Patria, etc., aguardando que a autopsia se concluisse para a saída do funeral.

Manuel dos Santos dâlgumas explicações e Alfredo Lopes propôe que no domingo se realize um comício público no local do desastre, para explicar de vista as causas que originaram a catástrofe.

Foi seguindamente nomeada a comissão que subiria a entregar o protesto à Câmara e que ficou composta dos camaradas Manuel dos Santos, João Miranda, Marcelino da Silva, João Gomes, Carlos Coelho e Alexandre Assis.

Depois, essa comissão, seguida de inúmeras de operários, saiu da Federação, pondo-se em marcha, no meio do maior silêncio, para o largo do Pelourinho.

Na Câmara Municipal

E' entregue uma representação de protesto e reivindicação de providências.

Chegados a esse largo, os manifestantes alinharam, com a frete para a Câmara enquanto a comissão subia aos paços do concelho.

No gabinete da presidência, foram recebidos os membros da comissão pelo presidente da Câmara, dr. Alberto Vidal e vereador dr. Sousa Néves.

C. G. T. U. S. O.

Comissão Administrativa

Reúne hoje, pelas 20 horas precisas, o Comité Confederal, conjuntamente com o corpo editorial de A Batalha.

Raúl Esteves, o célebre

foi exonerado de ditador dos caminhos de ferro do Sul e Sueste

Foi dispensado da comissão de serviço que estava desempenhando nos caminhos de ferro do Sul e Sueste, o célebre tenente-coronel de engenharia sr. Raúl Esteves. O diploma de exonerado lheve aquele oficial para forma como exercer as funções que acaba de deixar.

Não há dúvida que deixou os serviços ferroviários daquela rede em bonito estado. Pode limpar as mãos à parede da sua obra, ora, pois!

O caso do chauffeur Manuel Cardoso Claro

A reunião magna convocada para dia 20 próximo, pela Associação de Classe dos Chauffeurs em Portugal, para resolver sobre o caso do camionista Manuel Cardoso Claro, ficou adiada para o dia 24, em virtude de não estarem ainda concluídos os trabalhos da comissão especial que vai oficiar à sua comitê do Norte convidando-a a enviar delegados àquela assembleia magna.

Considerando que as infrações e abusos cometidos revestem tal multiplicidade e variedade, que não há forma de prevenir nem de corrigir oportunamente

NA RUA MORAIS SOARES

acabou de ruir a prumada da chaminé que começou a abater no dia 14 do corrente

No prédio da rua Moraes Soares, S. P., onde no dia 14 de madrugada se deu o desabamento da prumada posterior da chaminé, houve ontem nova derrocada, que pode considerar-se como complemento daquela, visto que os operários desde esse dia trabalham no apeamento da referida chaminé.

A paralisação do trabalho

Na sede da Federação da Construção Civil celebra-se uma reunião

A greve dos soldadores de Portimão

Um aviso da Federação Metalúrgica

A Federação Metalúrgica em Portimão prevê toda a classe metalúrgica e, em particular a especialidade de soldadores de todo o país, que, estando em greve os soldadores de Portimão, não haverá camarada de ir trabalhar para ali.

De Portimão partiu para Lisboa um tal mestre Arsenio, que vem aqui e vai

para o Pórtico contratar indivíduos que se prestem a ir trair aqueles camaradas.

Esta Federação incita a que todos estejam alerta contra tal infâmia.

Solidariedade, camaradas.

geral, os seguintes jornais: *A Batalha*, *O Arsenista*, *O Construtor*. Fizeram-se também representar, como ossoos as Associações da Construção Civil da Amadora e de Almada.

Além do Sindicato Único da Construção, representaram todas as suas seções sindicais de Belém, de Alto da Vila, do Bruto e Olivais, de Palma e Arredores, de Charneca, assim como das Serções Profissionais.

Nó trajecto
As ruas do itinerário apinhadas de gente—A circulação dos carros interrompida

As ruas transversais à da Palma estavam apinhadas, bem como todas as do percurso, de uma enorme multidão. Chegado ao Rossio, o cortejo, sempre a máxima ordem, deu a volta pelo lado sul, dirigindo-se, pelo ocidental, para a Avenida.

O pedestal da estátua de D. Pedro, as arcadas e varandas do teatro Nacional, do café Martinho, estação do Rossio, janelas, etc., estavam apinhadas, ouvindo-se palavras veementes de protesto contra os «agoleiros».

Durante a passagem do cortejo pelas ruas do percurso, a circulação, tanto de carros, como de transeuntes, esteve paralisada.

As ruas de Campo de Ourique são iluminadas pelos seus moradores

Devido à hora tardia a que os festeiros saíram da morgue, quando o cortejo chegou à sua do Sol ao Rato, era já quase noite. Deu motivo à demora do saimento do funeral o facto de, tendo querido a família de um dos operários mortos que o cadáver do seu parente fosse enterrado, o coadjutor de Santa Isabel, padre Cardoso, ter aprovado o

enterramento da estatua de D. Pedro.

O pedestal da estátua de D. Pedro, as arcadas e varandas do teatro Nacional, do café Martinho, estação do Rossio, janelas, etc., estavam apinhadas, ouvindo-se palavras veementes de protesto contra os «agoleiros».

Durante a passagem do cortejo pelas ruas do percurso, a circulação, tanto de carros, como de transeuntes, esteve paralisada.

As ruas de Campo de Ourique são iluminadas pelos seus moradores

Devido à hora tardia a que os festeiros saíram da morgue, quando o cortejo chegou à sua do Sol ao Rato, era já quase noite. Deu motivo à demora do saimento do funeral o facto de, tendo querido a família de um dos operários mortos que o cadáver do seu parente fosse enterrado, o coadjutor de Santa Isabel, padre Cardoso, ter aprovado o

enterramento da estatua de D. Pedro.

O pedestal da estátua de D. Pedro, as arcadas e varandas do teatro Nacional, do café Martinho, estação do Rossio, janelas, etc., estavam apinhadas, ouvindo-se palavras veementes de protesto contra os «agoleiros».

Durante a passagem do cortejo pelas ruas do percurso, a circulação, tanto de carros, como de transeuntes, esteve paralisada.

O cortejo circunda o local do desastre—A manifestação dos bombeiros municipais do quartel

Comunicam-nos do hospital de S. José que o Gigante chegou ali já morto, sendo o cadáver removido para a mortuária.

Como os candeiros da iluminação pública das ruas do Sol ao Rato, Ferreira Borges e Saraiça de Carvalho não estiveram ainda aquela hora acessos, os moradores daquelas ruas encarregaram-se de as iluminar, ostentando das janelas ou pendurando-as nos postes da rua, velas, lanternas, candeiros de petróleo e de acetileno.

O cortejo circunda o local do desastre—A manifestação dos bombeiros municipais do quartel

Deu a hora tardia a que os festeiros saíram da morgue, quando o cortejo chegou à sua do Sol ao Rato, era já quase noite. Deu motivo à demora do saimento do funeral o facto de, tendo querido a família de um dos operários mortos que o cadáver do seu parente fosse enterrado, o coadjutor de Santa Isabel, padre Cardoso, ter aprovado o

enterramento da estatua de D. Pedro.

O pedestal da estátua de D. Pedro, as arcadas e varandas do teatro Nacional, do café Martinho, estação do Rossio, janelas, etc., estavam apinhadas, ouvindo-se palavras veementes de protesto contra os «agoleiros».

Durante a passagem do cortejo pelas ruas do percurso, a circulação, tanto de carros, como de transeuntes, esteve paralisada.

No cemitério

Á luz dos arches usam da palavra alguns militantes operários

Eram cerca das 20 horas quando o imenso cortejo, cada vez mais fortificado, entrou no cemitério dos Prazeres. Então, e iluminados pela luz de dezenas de arcos, defronte da capela e frete aos caixões, alguns militantes operários de pé, sobre uma das banquetas de ferro, usaram da palavra.

Pelo Sindicato Único da Construção Civil falou Manuel dos Santos; pela Confederação Geral do Trabalho, Alfredo Lopes e Manoel Joaquim de Sousa; pela União dos Sindicatos Operários, Jerônimo de Sousa; pela Federação Metalúrgica, Júlio de Matos; pela Federação de Calçado, Couros e Peles, Artur Aleixo, e pela Federação Nacional da Construção Civil, Joaquim Cardoso.

Todos os oradores referiram-se, esfumando os culpados, à necessidade do operariado se organizar e instruir, a fim de tomar a direção da produção.

Eram 21,15 horas quando terminaram os discursos começando a debandar aquela enorme multidão, composta em dezenas de milhares de pessoas.

Notas várias

A profunda impressão causada pelo desastre de Campo de Ourique aos habitantes de Lisboa, teve a demonstrar, não só a impotência da manifestação de ontem, como ainda é facto que passaram a relatar: como quer que a direção da Cooperativa *A Social* dos Chapeleiros conduzisse o seu estandarte de forma que dava a impressão de que servia de recipiente a quaisquer donativos, o povo, que se aglomerava nos jardins, chegou a deitar sobre a banheira dinheiro—que, apurado, se eleva a soma de escudos 225537.

Essa quantia foi entregue pelos camaradas chapeleiros à administração da *A Batalha* que, respeitando as intenções do público doador, a fará distribuir às famílias dos operários vítimas do desastre.

—Pelo construtor diplomado sr. João Jóse dos Santos Júnior foi também depositado um ramo de flores.

O Sindicato da Construção Civil, enviou à Federação um telegrama protestando contra as falsificações de construções e vestindo profundo luto pela perda dos seus camaradas vitimas do egoísmo patronal censura à Câmara pelo seu desprezo.

—Da enfermaria de Santo Antônio o hospital de S. José saiu ontem com Ida José Marques, de 27 anos, natural de Tomar e residente na rua Carlos Lapa, J. B., carpinteiro, uma das vítimas do desabamento do prédio da rua Corrêa Telles.

—Ao presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal, dr. sr. Alberto Vidal, foi entregue um requerimento em que alguns dos construtores do bairro novo, a Campo de Ourique, pedem que seja feita, com toda a urgência, uma rigorosa vistoria aos prédios que trazem em construção nesse bairro nas ruas n.º 2, a rua Corrêa Telles, ICC, FS, AC, SR, HA, e na rua n.º 3, a rua Corrêa Telles, SS.

Assinam esse requerimento os srs. Manuel da Graça & C. Socio & Roque, Manuel dos Santos, Manoel Fernandes, Izolino José Crespo, Antônio Diniz, Sequeira, Soeiro & Soeiro, Enriqu dos Santos Silva e Antônio Júnunes.

Para continuação dos trabalhos redige hoje a citada comissão, pelas 21 horas.

No Barreiro

Um polícia alvejado a tiro

BARREIRO, 17.—C.—Hoje no sítio de Verderena, foi alvejado com dois tiros de pistola, Mateus Dias Gigante, que durante muitos anos fez serviço de polícia nesta vila.

O Gigante veio aqui passar, passando o dia inteiro no campo em companhia do sapateiro Carrigo, que se supõe ter-lhe dado os tiros após alguma troca de razões em que o álcool já impulsionou.

Correu já várias versões sobre o ocorrido. O Gigante recebeu duas balas no peito direito, e uma no baixo ventre; foram também encontrados ferimentos nos braços produzidos por pequenos projéctiles de chumbo, o que ainda mais veio agravar as suspeitas de que seja outro o criminoso.

A vítima era muito dada com o Carrigo, tendo esta manhã ido a sua casa convidá-lo para o passeio que lhe foi feito.

Na carteira fôr-lhe encontrados vários documentos e 77\$00.

Pelo chefe Figueiredo foram detidos para averiguação vários indivíduos moradores nas proximidades do local do crime, entre eles o proprietário do cocheiro molhado de Verderena.

Durante a passagem do cortejo pelas ruas do percurso, a circulação, tanto de carros, como de transeuntes, esteve paralisada.

As ruas de Campo de Ourique são iluminadas pelos seus moradores

Devido à hora tardia a que os festeiros saíram da morgue, quando o cortejo chegou à sua do Sol ao Rato, era já quase noite. Deu motivo à demora do saimento do funeral o facto de, tendo querido a família de um dos operários mortos que o cadáver do seu parente fosse enterrado, o coadjutor de Santa Isabel, padre Cardoso, ter aprovado o

enterramento da estatua de D. Pedro.

O pedestal da estátua de D. Pedro, as arcadas e varandas do teatro Nacional, do café Martinho, estação do Rossio, janelas, etc., estavam apinhadas, ouvindo-se palavras veementes de protesto contra os «agoleiros».

Durante a passagem do cortejo pelas ruas do percurso, a circulação, tanto de carros, como de transeuntes, esteve paralisada.

As ruas de Campo de Ourique são iluminadas pelos seus moradores

Devido à hora tardia a que os festeiros saíram da morgue, quando o cortejo chegou à sua do Sol ao Rato, era já quase noite. Deu motivo à demora do saimento do funeral o facto de, tendo querido a família de um dos operários mortos que o cadáver do seu parente fosse enterrado, o coadjutor de Santa Isabel, padre Cardoso, ter aprovado o

enterramento da estatua de D. Pedro.

O pedestal da estátua de D. Pedro, as arcadas e varandas do teatro Nacional, do café Martinho, estação do Rossio, janelas, etc., estavam apinhadas, ouvindo-se palavras veementes de protesto contra os «agoleiros».

Durante a passagem do cortejo pelas ruas do percurso, a circulação, tanto de carros, como de transeuntes, esteve paralisada.

O cortejo circunda o local do desastre—A manifestação dos bombeiros municipais do quartel

Comunicam-nos do hospital de S. José que o Gigante chegou ali já morto, sendo o cadáver removido para a mortuária.

Como os candeiros da iluminação pública das ruas do Sol ao Rato, Ferreira Borges e Saraiça de Carvalho não estiveram ainda aquela hora acessos, os moradores daquelas ruas encarregaram-se de as iluminar, ostentando das janelas ou pendurando-as nos postes da rua, velas, lanternas, candeiros de petróleo e de acetileno.

O cortejo circunda o local do desastre—A manifestação dos bombeiros municipais do quartel

Deu a hora tardia a que os festeiros saíram da morgue, quando o cortejo chegou à sua do Sol ao Rato, era já quase noite. Deu motivo à demora do saimento do funeral o facto de, tendo querido a família de um dos operários mortos que o cadáver do seu parente fosse enterrado, o coadjutor de Santa Isabel, padre Cardoso, ter aprovado o

enterramento da estatua de D. Pedro.

O pedestal da estátua de D. Pedro, as arcadas e varandas do teatro Nacional, do café Martinho, estação do Rossio, janelas, etc., estavam apinhadas, ouvindo-se palavras veementes de protesto contra os «agoleiros».

Durante a passagem do cortejo pelas ruas do percurso, a circulação, tanto de carros, como de transeuntes, esteve paralisada.

No cemitério

Á luz dos arches usam da palavra alguns militantes operários

Eram cerca das 20 horas quando o imenso cortejo, cada vez mais fortificado, entrou no cemitério dos Prazeres. Então, e iluminados pela luz de dezenas de arcos, defronte da capela e frete aos caixões, alguns militantes operários de pé, sobre uma das banquetas de ferro, usaram da palavra.

Pelo Sindicato Único da Construção Civil falou Manuel dos Santos; pela Confederação Geral do Trabalho, Alfredo Lopes e Manoel Joaquim de Sousa; pela União dos Sindicatos Operários, Jerônimo de Sousa; pela Federação Metalúrgica, Júlio de Matos; pela Federação de Calçado, Couros e Peles, Artur Aleixo, e pela Federação Nacional da Construção Civil, Joaquim Cardoso.

Todos os oradores referiram-se, esfumando os culpados, à necessidade do operariado se organizar e instruir, a fim de tomar a direção da produção.

Eram 21,15 horas quando terminaram os discursos começando a debandar aquela enorme multidão, composta em dezenas de milhares de pessoas.

Notas várias

A profunda impressão causada pelo desastre de Campo de Ourique aos habitantes de Lisboa, teve a demonstrar, não só a impotência da manifestação de ontem, como ainda é facto que passaram a relatar: como quer que a direção da Cooperativa *A Social* dos Chapeleiros conduzisse o seu estandarte de forma que dava a impressão de que servia de recipiente a quaisquer donativos, o povo, que se aglomerava nos jardins, chegou a deitar sobre a banheira dinheiro—que, apurado, se eleva a soma de escudos 225537.

Essa quantia foi entregue pelos camaradas chapeleiros à administração da *A Batalha* que, respeitando as intenções do público doador, a fará distribuir às famílias dos operários vítimas do desastre.

—Pelo construtor diplomado sr. João Jóse dos Santos Júnior foi também depositado um ramo de flores.

O Sindicato da Construção Civil, enviou à Federação um telegrama protestando contra as falsificações de construções e vestindo profundo luto pela perda dos seus camaradas vitimas do egoísmo patronal censura à Câmara pelo seu desprezo.

—Da enfermaria de Santo Antônio o hospital de S. José saiu ontem com Ida José Marques, de 27 anos, natural de Tomar e residente na rua Carlos Lapa, J. B., carpinteiro, uma das vítimas do desabamento do prédio da rua Corrêa Telles.

—Ao presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal, dr. sr. Alberto Vidal, foi entregue um requerimento em que alguns dos construtores do bairro novo, a Campo de Ourique, pedem que seja feita, com toda a urgência, uma rigorosa vistoria aos prédios que trazem em construção nesse bairro nas ruas n.º 2, a rua Corrêa Telles, ICC, FS, AC, SR, HA, e na rua n.º 3, a rua Corrêa Telles, SS.

Assinam esse requerimento os srs. Manuel da Graça & C. Socio & Roque, Manuel dos Santos, Manoel Fernandes, Izolino José Crespo, Antônio Diniz, Sequeira, Soeiro & Soeiro, Enriqu dos Santos Silva e Antônio Júnunes.

Para continuação dos trabalhos redige hoje a citada comissão, pelas 21 horas.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federacão Corticeiros—A Comissão Administrativa deste organismo mandou delegados ao Barreiro esclarecer da veracidade do espancamento na pessoa de um operário corticeiro do concelho.

Os delegados esclareceram que a vitima do espancamento é um operário corticeiro que é natural de Vila Franca de Xira.

Os delegados esclareceram que a vitima do espancamento é um operário corticeiro que é natural de Vila Franca de Xira.

Os delegados esclareceram que a vitima do espancamento é um operário corticeiro que é natural de Vila Franca de Xira.

Os delegados esclareceram que a vitima do espancamento é um operário corticeiro que é natural de Vila Franca de Xira.

Os delegados esclareceram que a vitima do espancamento é um operário corticeiro que é natural de Vila Franca de Xira.

Os delegados esclareceram que a vitima do espancamento é um operário corticeiro que é natural de Vila Franca de Xira.

Os delegados esclareceram que a vitima do espancamento é um operário corticeiro que é natural de Vila Franca de Xira.

